

Wilfrid Ochsenhofer

**UMA NOVA PROPOSTA PARA A IGREJA: TRATAR A SOLIDÃO DO
HOMEM URBANO**

SÃO PAULO
2008

Wilfrid Ochsenhofer

**UMA NOVA PROPOSTA PARA A IGREJA: TRATAR A SOLIDÃO DO
HOMEM URBANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final no curso de Bacharel em
Teologia da Faculdade Teológica Batista de
São Paulo

Orientador: Prof. Guilherme Ávila

SÃO PAULO

2008

Ochsenhofer, Wilfrid

Uma nova proposta para a igreja: tratar a solidão do homem urbano –
São Paulo, 2008

51 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia) –
Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2008

1. Missões Urbanas 2.Solidão 3.Ministério Pastoral

Wilfrid Ochsenhofer

UMA NOVA PROPOSTA PARA A IGREJA: TRATAR A SOLIDÃO DO HOMEM URBANO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez – Orientador

Prof. Vanderlei Gianastácio

SÃO PAULO
2008

AGRADECIMENTO

Quero agradecer a Vera, minha esposa, de muita coragem e graça para suportar as durezas da vida. Em nossos vinte e seis anos como marido e mulher, ela vem sendo uma fonte constante de incentivo de sabedoria, alegria e criatividade.

Este TCC lhe é dedicado em sinal de minha gratidão, meu amor e carinho.

RESUMO

É quase incoerente pensar que o homem urbano é um ser solitário, porque ele está cercado de relacionamentos, está continuamente envolvido com pessoas, na família, no trabalho, na escola, na igreja, sempre em meio às aglomerações, barulho, e agitação de uma grande cidade de tal forma que lhe é praticamente impossível ficar a sós. Então qual é o motivo da solidão do homem urbano? Ela existe de fato? Sim! Ela existe e lhe causa muitas perturbações, a ponto de em estágios avançados provocar algumas doenças consideradas fatais e suficientes para despertar na igreja de hoje a responsabilidade social e humana para ouvir os anseios das almas da sua comunidade e criar condições para a restauração de vidas. Logo, a igreja precisa interpretar melhor a sua função na expansão do Reino de Deus numa autêntica missão diaconal, com a cidade para ser sensível ao sofrimento humano e às conseqüências da influência da urbe.

Palavras-chave: solidão, homem urbano, urbe, homem moderno, tensões da vida urbana, sofrimento, medo, estresse, conversar, cuidado, missão da igreja.

SUMÁRIO

<u>Introdução</u>	9
<u>CAPÍTULO 1 - Definição de Urbano e cidade</u>	13
<u>1.1 O início das cidades</u>	13
<u>1.2 As cidades na Bíblia</u>	14
<u>1.3 Jesus e as cidades</u>	15
<u>1.4 Os primeiros cristãos urbanos – Paulo e a cidade</u>	16
<u>1.5 O homem urbano contemporâneo</u>	17
<u>CAPÍTULO 2 – Reflexão sobre a solidão urbana e as tensões do homem urbano como fontes mais universais do sofrimento humano</u>	19
<u>2.1 Comunicação e carência</u>	25
<u>2.2 As tensões urbanas – Os inimigos do homem</u>	26
<u>CAPÍTULO 3 - A influência do pastor cuidando do homem urbano</u>	30
<u>3.1 O pastor urbano é um pesquisador da sua cidade</u>	30
<u>3.2 O pastor urbano é um líder praticante da solitude</u>	32
<u>3.3 O pastor urbano encoraja uma relação sadia da igreja com a cidade</u>	33
3.4 O pastor urbano é sensível à solidão do homem urbano.....	36
<u>CAPÍTULO 4 A experiência da Igreja Batista Alemã de São Paulo abrindo suas portas para o público...</u>	37
<u>5 Conclusão</u>	39
ANEXO 1 Alguns relatos de casos considerados interessantes observados na Igreja Batista Alemã de São Paulo.....	42
<u>ANEXO 2</u>	47
<u>ANEXO 3</u>	48
<u>Referências bibliográficas</u>	49

Introdução

Queremos nesta pesquisa, refletir sobre o esforço do pastor e sua igreja para cuidar do homem urbano em sua solidão. É quase incoerente pensar que o homem urbano é um ser solitário, porque este é cercado de relacionamentos, está continuamente envolvido com pessoas, na família, no trabalho, na escola, na igreja, sempre em meio às aglomerações, barulho, e agitação de uma grande cidade de tal forma que lhe é praticamente impossível ficar a sós. Então qual é o motivo da solidão do homem urbano? Ela existe de fato? Sim! Ela existe e lhe causa muitas perturbações, ao ponto de, em estágios avançados provocar algumas doenças consideradas fatais. É o que pretendemos demonstrar ao longo desta reflexão.

O que nos levou a refletir sobre a solidão do homem urbano? Para responder a essa pergunta, é preciso conhecer o “pano de fundo”. Somos seminarista em fase de conclusão de curso e em 2006 a igreja ao qual somos membros, (a Igreja Batista Alemã de São Paulo, IBASP, localizada no bairro Bela Vista, Rua Maestro Cardim nº 408) ofereceu-nos a oportunidade de iniciar um projeto que há anos, estava engavetado aguardando alguém que tivesse interesse de implantá-lo. Como desejamos o pastorado, aceitamos com alegria essa oportunidade e desafio. O trabalho consiste em abrir as portas do templo ao público, no horário das 11:30 horas às 14:00 horas, de segunda a sexta-feira, permitindo que as pessoas entrem para meditar, ficar em silêncio, descansar, relaxar, esquecer por uns instantes as tensões diárias e se quiserem conversar, estamos à disposição para ouvi-las.

Após dois anos de funcionamento deste ministério, “Portas Abertas - IBASP”, verificamos que uma boa parte das pessoas¹ vem mesmo para conversar conosco, para desabafar, contar das suas lutas, seus traumas, suas crises familiares, suas dúvidas e seus questionamentos quanto a vida. Observamos que um dos problemas do homem urbano é que, apesar de estar em meio às pessoas, ele se sente só por diversos motivos: suas relações não são significativas, são superficiais, ele tem grande necessidade de ser sinceramente ouvido, tem medo, é inseguro, é propenso à depressão, a vícios e até suicídio e deseja cultivar boas amizades e relacionamentos verdadeiros.

Com a pesquisa pretendemos também demonstrar que o homem urbano vive num ambiente tenso e está vulnerável às chamadas “doenças da civilização”, como doenças cardíacas, arteriais, úlceras gástricas, o alcoolismo, estados de ansiedade e colapsos mentais². Tais fatos são verdadeiros e mais do que suficientes para despertar na igreja de hoje a responsabilidade social e humana para ouvir os anseios das almas da sua comunidade e criar condições para a restauração de vidas.

Essa pesquisa tem uma relevância pessoal muito grande para nós, pois convivemos com pessoas que vêm regularmente ao templo para meditar, orar e relaxar. Mas muitos querem mesmo ser ouvidos, querem falar, e não fazem muita questão do silêncio. Queremos então tentar desvendar este aparente paradoxo através do material consultado.

Acreditamos que é um tema atual e relevante também para a academia, pois convida à reflexão sobre as relações entre igreja, seu pastor e sua comunidade local. Além disso, como desejamos o pastorado, esse é um tema extremamente prático e útil em razão do envolvimento com pessoas e suas problemáticas.

Como plano geral, pretendemos apresentar uma breve introdução sobre a urbe e uma reflexão sobre a solidão e as tensões de uma vida urbana como uma das fontes de sofrimento humano. E, no plano específico, analisamos a influência do pastor no cuidado do homem urbano.

Quanto à metodologia, a pesquisa baseia-se em informações e dados teóricos sobre a solidão e as tensões do homem urbano, colhidas em livros, seminários, palestras e material de publicação. Relatamos algumas experiências e casos ocorridos nos trabalhos da Igreja Batista Alemã de São Paulo, com ênfase na sua influência sobre a comunidade local.

A idéia de implantar esse projeto surgiu em março de 2005, quando a Igreja Batista Alemã de São Paulo nos convidou a transferir-nos da secretaria para exercer o trabalho de missões, uma vez que estamos nos preparando para o ministério. Este trabalho missionário tem por objetivo atender somente o bairro na qual a igreja está inserida. Num segundo momento, nos motivou ainda mais por realizar este projeto quando em 2006 fomos presenteados com o livro “O Pastor

¹ Essa amostragem não foi quantificada, mas é fruto de observação empírica ao longo dos dois anos (2006-08) de funcionamento do Ministério Portas Abertas da Igreja Batista Alemã de São Paulo.

² Enciclopédia, Livro da Vida, Abril Cultural, vol.7, p.2880

Urbano” (organizador: Dr. Jorge Barro), que aborda diversos aspectos do papel da igreja no seu contexto social. O livro enfatiza que a igreja deve fazer uma exegese da cidade para que a Palavra de Deus tenha sentido para pessoas que vivem num ritmo sempre mais acelerado do que a própria igreja, e esse ritmo acelerado, de rápidas e constantes mudanças, afetam sensivelmente a vida das pessoas. A falta de tempo, a cansaço, o esgotamento, o estresse, a depressão a necessidade de ser ouvido, o anseio por relacionamentos significativos, são algumas das muitas características do homem urbano. O autor argumenta que o foco central da igreja urbana são as pessoas da cidade, e por isso ela deve servi-las bem, com compaixão e solidariedade. A igreja deve ser vista como uma agência de Deus para a cidade, tornando-a uma comunidade de cuidado pastoral, produzindo transformações na vida das pessoas e da cidade através do nosso envolvimento.

Num terceiro momento, qual não foi a nossa surpresa quando a Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP) realizou uma Conferência Teológica nos dias 09, 10 e 11 de abril de 2007 com o tema “Missiologia Urbana: Perspectivas e Desafios”, cujo palestrante foi o próprio autor do livro mencionado acima (“O Pastor Urbano”), Dr. Jorge Barro, diretor da Faculdade Teológica Sul Americana. Nesta ocasião enriquecedora, vimos que a cidade é o maior campo e desafio da igreja, a urbanização é o maior fenômeno histórico e o nosso Brasil já é 85% urbanizado.

O palestrante destacou que, a exemplo de Jesus, a igreja deve desenvolver compaixão para com as pessoas que estão aflitas, exaustas, estressadas, deprimidas, que precisam se expressar e estão sem rumo como as ovelhas sem pastor (Mt. 9.36). É nas cidades que as encontramos. Conforme Jeremias 5.1, Deus sempre teve um relacionamento de amor com as cidades, ele nunca pretendeu sua destruição e sim sempre quis restaurá-las, como vemos no exemplo de Jonas e Nínive - Jonas 4.2 “Ele orou ao Senhor: ‘Senhor, não foi isso que eu disse quando ainda estava em casa? Foi por isso que me apressei em fugir para Tarsis. Eu sabia que tu és Deus misericordioso e compassivo, muito paciente, cheio de amor e que prometes castigar mas depois te arrependes” (NVI).

Infelizmente no passado recente a igreja não se inspirou neste relacionamento de Deus com a cidade. No entanto, nos moldes de Jesus, o Deus encarnado, a igreja está lentamente resgatando esse relacionamento. O autor sugere que a igreja siga os seguintes passos:

- aproximar-se da realidade

- escutar as pessoas porque elas necessitam ser ouvidas
- ficar perto delas
- compreendê-las
- transformar a igreja num centro de convivência para transformação de vida

Lamentavelmente, o fato é que a maioria dos membros das igrejas mora longe dela e por isso não vive a realidade do bairro onde a igreja se reúne. Conseqüentemente o sonho de Deus para a reconstrução da nova Jerusalém por meio da igreja atual fica muito comprometido. Por outro lado, afirma-se que o povo atual da igreja tem pavor de missões e não está interessado em investir nessa atividade porque desconhece o conceito da missão da igreja³.

O sonho de Deus não deveria ser o sonho da igreja e o nosso também? Há autores que defendem que a igreja não pode perder a visão integral da sua missão. Ela não é um ideal, mas é o sopro do Espírito, é chamado de Deus e necessidade, se quisermos levar todo o conselho de Deus a todo homem e ao homem todo⁴.

Já outros autores afirmam que a cidade é o palco principal no qual se desenrola o drama da salvação. O objetivo de sua obra é definir claramente a missão da igreja em meio à realidade urbana e oferecer recursos bíblicos à igreja dando-lhe sustentação espiritual enquanto desempenha a sua missão na cidade⁵.

Assim, procuramos desenvolver neste projeto uma pesquisa mais ampla baseada em diversas fontes bibliográficas, publicações específicas e relatos de casos da nossa própria experiência na Igreja Batista Alemã de São Paulo.

³ BARRO, Carlos Antonio, KOHL, Waldemar Manfred , (organizadores), *Missão integral transformadora* . Londrina/PR: Descoberta, 2006 .

⁴ E. Anthony Allen, *Saúde integral a partir da igreja local*. Londrina/PR: Descoberta, 1998

⁵ LINTHICUM, C. Robert – *Cidade de Deus, cidade de Satanás*. Belo Horizonte: Missão, 1991

CAPÍTULO 1 - Definição de *Urbano* e *cidade*

Segundo o Dicionário Aurélio da língua portuguesa, “urbano” provém do latim *Urbānus*, que é relativo à cidade. Por sua vez, conforme o próprio Aurélio, esta é a concentração populacional não agrícola, ou seja, dedicada a atividades de caráter comercial, industrial, financeiro e cultural; é a *Urbe*⁶.

Por sua vez, a enciclopédia livre Wikipédia sustenta a idéia de que não há um padrão mundial que defina uma cidade⁷. Essa definição varia de país para país e é preciso obedecer a alguns critérios quantitativos. Por exemplo, na Dinamarca, bastam 250 habitantes para uma comunidade urbana ser considerada uma cidade, e na Islândia, apenas 300 habitantes. Na França, é necessário um mínimo de dois milhões de habitantes, e na Espanha, dez mil habitantes.

Na Bienal de Arquitetura de Veneza (ano 2000), o pavilhão israelense ofereceu a seguinte definição de cidade: “A cidade é um habitat humano que permite que pessoas formem relações umas com as outras em diferentes níveis de intimidade, enquanto permanecem inteiramente anônimas”⁸.

No Brasil, o conceito de cidade adotado é o do IBGE, o órgão oficial do Governo Federal responsável pelos censos demográficos. Segundo tal critério, qualquer comunidade urbana caracterizada como sede de município é considerada uma cidade, independente de seu número de habitantes.

Abaixo, a classificação do IBGE quanto ao tamanho das cidades:

- cidade pequena: 500 a 100 000 habitantes
- cidade média: 100.001 a 500.000 habitantes
- cidade grande: acima de 500.000 habitantes
- metrópole: acima de 1.000.000 de habitantes
- megacidade: acima de 10.000.000 de habitantes⁹.

1.1 O início das cidades

No princípio, segundo o escritor e Pr. Elinaldo Renovato de Lima, os homens viviam em áreas agropastoris. Com o passar do tempo, a escassez de bens os

⁶ *Dicionário da língua portuguesa* Aurélio Buarque de Holanda, p.487

⁷ *Cidade* – Wikipédia, disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Urbano> Acesso em 29/02/2008

⁸ *Ibid*

⁹ *Ibidem*

obrigou a sair, em busca de outros locais para sobrevivência. Em todas as épocas, houve uma tendência para os homens viverem e se concentrarem em torno de um núcleo populacional. A célebre Torre de Babel foi uma tentativa de concentração urbana, não aprovada por Deus. Ele queria que os homens se multiplicassem, enchendo a Terra. Ferreira Dam (1990 p.139) vê a evolução das cidades em várias etapas¹⁰.

A primeira estendeu-se de 5000 a.C a 500 d.C, até a queda de Roma, quando se estabeleceram grandes cidades como Jericó, Jerusalém, Babilônia, Nínive, Esparta e Roma. Eram as chamadas “polis”.

A segunda marcou o período da Renascença, já na Odade Moderna, com as cidades de Roma, Florença, Constantinopla, Londres, Paris, Toledo, entre outras. Eram as chamadas “neópolis”.

A terceira ocorreu com a Revolução Industrial, por volta de 1750, quando apareceram cidades-pólo, como Nova Iorque, Chicago, Londres, Berlim, Paris, Tóquio, Moscou, entre outras. São as “metrópoles”, verdadeiras cidades-mães.

Na última etapa, já na época atual, surgem as “megalópoles”, com cidades-satélites e bairros ligados uns aos outros. Entre elas, destacam-se São Paulo, Rio de Janeiro, Tóquio, Londres, Nova Iorque, etc. As cidades em geral são classificadas como de pequeno, médio e grande porte, dependendo da população, tamanho, influência, etc.¹¹

1.2 As cidades na Bíblia

O Pr. Elinaldo Renovato de Lima informa que já se pregou que as cidades têm origem humana, não contam com a aprovação divina, com o argumento de que a primeira cidade foi criada por um homicida, Caim, e que Deus planejara um jardim e não uma cidade (Gn 4.17)¹².

O Pr. Ed René Kivitz fez a seguinte reflexão:

A cidade é a grande obra do homem e a sua edificação é o símbolo do homem, pois, uma vez expulso do jardim ele edifica uma cidade para si, mas sua edificação opõe-se a onipotência de Deus. Gênesis representa o Jardim,

¹⁰ LIMA, Elinaldo Renovato, *Missões urbanas* – disponível em: <http://ejesus.com.br/> Acesso em 27/02/2008

¹¹ Ibid

¹² Ibidem

planejado por Deus e seu contraponto é a Torre de Babel, construída pelos homens.

A Babilônia representa o lugar dos deuses, do feitiço, da idolatria, da escuridão, das trevas, a grande prostituta. Nos acontecimentos do Apocalipse, o Paraíso não será a retomada do Jardim porque Deus entendeu que a cidade é o sonho do homem, é o que ele quer. Então Deus coopera com o homem e a Babilônia será transformada em Jerusalém. O Jardim do Éden quem fez foi Deus, e a Babilônia quem fez foi Adão. A Nova Jerusalém que descerá dos céus, foi edificada por Deus e Adão, a partir da Cruz – é a esperança escatológica, a redenção de toda obra humana. Essa utopia serve para animar a história e, portanto a vida, o servir e a espera, devem ser celebrados. (KIVITZ, René Ed Pr. – Apontamentos do Seminário: Theologando em São Paulo, 25.10.2007 - Oficina: Missões Urbanas)

Segundo o Pr. Elinaldo Renovato, logo após o Dilúvio os homens procuraram fazer cidades. O autor afirma que se dizia ter havido um plano diabólico para as cidades. Quanto maiores, seriam refúgios ideais para criminosos, centros de prostituição, do crime, da violência. Constatou-se que as aglomerações urbanas resultaram em lugares perigosos, que representavam um risco ao bem-estar espiritual e humano¹³.

Ferreira (p.140) discorda da opinião dos que vêem a cidade como centros mais favoráveis ao diabo, e diz que Deus tem planos importantes para as grandes cidades, tanto é que o cristianismo surgiu numa grande cidade – Jerusalém – espalhando-se por grandes centros, como Samaria e Antioquia.

Por sua vez, outro autor diz:

A cidade é campo de batalha entre Deus e Satanás e Ele se preocupa com o bem estar da cidade (Jn 4.10-11). Muito da atividade redentora de Deus centraliza-se nas cidades (Sl 46.4-5; Zc 8.3; Mc 15.21,39), lembrando que a vinda do reino de Deus é descrita como a vinda de uma cidade redimida – a Nova Jerusalém (Ap 21-22). Deus permitiu que Israel construísse cidades (Am 9.14); em Canaã, em meio às cidades tomadas, Deus determinou que houvesse “cidades de refúgio” (Nm 35.11) (LINTHICUM, Roberto – *A transformação da cidade*. BH: Missão, 1990).

1.3 Jesus e as cidades

O Dr. Jorge Barro, organizador e co-autor do livro, “O Pastor Urbano”, informa que o ministério terreno de Jesus se concentrou na evangelização tanto na área rural como nas cidades. Mas foi nas cidades que ele concentrou seu

¹³ LIMA, Elinaldo Renovato, *Missões Urbanas* – disponível em: <http://ejesus.com.br/> Acesso em 27/02/2008

ministério. Andava de cidade em cidade (Lc 8.1 - NVI); e dizia: “É necessário que eu anuncie o reino de Deus também às outras cidades, pois para isso fui enviado” (Lc 4.43 - NVI). Mateus nos informa: “E percorria Jesus todas as cidades e povoados” (Mt 9.35 - NVI). O mundo de Jesus não era o mundo das sinagogas, mas o mundo das cidades e das pessoas da cidade. Jesus tinha condição de ministrar o que ministrou e de ser contextual porque estava no meio das pessoas, no meio das cidades. “Seu ministério estendia-se além da sinagoga, além do mundo religioso e eclesiástico” (BARRO, 2003, p.201).

1.4 Os primeiros cristãos urbanos – Paulo e a cidade

Segundo o pesquisador Wayne A. Meeks, “o cristianismo primitivo estabeleceu-se em cidades ao longo da bacia mediterrânea, onde se concentravam as atividades missionárias do apóstolo Paulo. Estes registros estão nos escritos mais antigos existentes, ou seja, nas próprias cartas paulinas” (MECKS, 1992, p.22). É interessante observar que todos os ambientes aos quais Paulo escreveu eram inteiramente urbanos. É fato que, embora o cristianismo tenha nascido numa cultura de vilas e aldeias da Palestina, alcançou sucesso nas cidades do Império Romano até mesmo depois da época de Constantino.

Paulo era pessoa da cidade e dependia da cidade para a sua sobrevivência com o trabalho “de suas próprias mãos” fazendo tendas, segundo o livro de Atos. Sua vida de artesão o distinguia tanto dos trabalhadores das fazendas, escravos ou livres, que talvez estivessem bem na base da pirâmide social na antiguidade, quanto de outros poucos felizardos cuja riqueza e status dependiam de sua situação na agricultura.

De forma geral os historiadores afirmam que a missão de Paulo contribuiu muito com o movimento e o crescimento urbano. Seu objetivo era sempre estabelecer pequenos núcleos de cristãos em residências e famílias espalhadas por algumas cidades localizadas especialmente na bacia mediterrânea. Esses núcleos se mantinham ligados entre si e com Paulo e seus colaboradores por meio de cartas, visitas oficiais e pelo contato freqüente com cristãos que viajavam.

A preocupação com as cidades não foi somente de Paulo. Antes da sua conversão, os que acreditavam no Messias Jesus haviam levado a mensagem de sua nova seita a outras comunidades. Foi o sucesso deles em Damasco que levou

ao ataque de Paulo contra eles e foi lá que ocorreu a mudança radical na sua vida, que chamamos de conversão. Um fato interessante é que o movimento havia sido iniciado na comunidade judaica de Antioquia, entre os helenistas que foram expulsos de Jerusalém e ultrapassaram as fronteiras do judaísmo para procurar prosélitos e gentios (At 11.19-26).

“A cidade de Antioquia era o centro de comunicação política, militar e comercial entre Roma e a fronteira persa e entre a Palestina e Ásia Menor, uma das cidades mais importantes do Império e sede da grande comunidade judaica. Ali nasceu o cristianismo paulino e sua organização missionária para alcançar outras cidades” (MECKS, 1992, p.22).

Assim, a cultura de aldeias e vilarejos da Palestina é deixada para trás desconhecendo-se o que aconteceu com elas. Quanto às cidades greco-romanas elas se transformaram no ambiente dominante do movimento cristão. A partir daí, com a divisão mais fundamental na sociedade do Império Romano, ou seja, a divisão entre o povo rural e os habitantes da cidade, o movimento cristão centraliza cada vez mais seus esforços para alcançar o homem urbano.

1.5 O homem urbano contemporâneo

Segundo Rita Amaral, antropóloga e pesquisadora, o homem urbano contemporâneo é um homem “multifacetado” ou “multidimensional”¹⁴. Ele é ao mesmo tempo, funcionário, eleitor, paciente, transeunte, passageiro, espectador, pai, marido, freguês, cliente, fiel, munícipe, aluno etc. “É simultaneamente *politicus, oeconomicus, hierarchicus, aestheticus, religiosus*” (Simmel, 1987, p.21).

O homem urbano se encontra num ambiente que “promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor. Mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Ser urbano, atualmente é fazer parte de um universo no qual tudo que é sólido desmancha no ar” (Bermann, 1986, p.15).

Segundo Rita Amaral, esta “transformação” constante, exterior e interior obriga o homem urbano a um crescente processo de individuação como um modo de manter um núcleo de auto-compreensão. Este procedimento, conforme Simmel (um dos primeiros autores a pensar na cidade como categoria sociológica), levaria

¹⁴ Disponível em <http://agreste.blogspot.com/2006/11/0-homem-urbano.html> , aceso em 05/03/2008

a uma subjetividade altamente pessoal que, no limite, levaria a desagregação, à indiferença para com os demais e ao sentimento de solidão.

CAPÍTULO 2 – Reflexão sobre a solidão urbana e as tensões do homem urbano como fontes mais universais do sofrimento humano.

A solidão é um problema comum que tem sido descrito como “uma das fontes mais universais do sofrimento humano” (NOUWEN, 1975, p.15). E o ser humano já foi definido como um “animal social”. Apesar disso, a solidão o persegue mesmo no imenso e agitada multidão das grandes cidades já do século XIX. O homem pode sentir-se tão sozinho numa reunião social quanto se sentiria num deserto, e por mais que filósofos ou bebedores solitários procurem pintá-la de dourado, a solidão física ou emocional é um dos maiores inimigos dos seres humanos. Os psicólogos têm realizado diversos testes sobre as reações dos indivíduos isolados de contato social. Os pacientes são colocados em situações em que não podem ouvir e ver ninguém. O tempo pelo qual as pessoas suportam a experiência é variável. Algumas não passam de poucas horas, outras resistem durante alguns dias. Porém ninguém agüenta uma privação total de contato com o mundo exterior por muito tempo. Vários voluntários submetidos a esse tipo de teste têm alucinações, modificação na capacidade de raciocínio e sentimentos extremos de angústia.

O afastamento prolongado do convívio com pessoas pode provocar esses distúrbios, como relatam os prisioneiros, exploradores e viajantes solitários que tiveram experiências desse tipo. Depois da sua viagem solitária ao redor do mundo num barco a vela, na década de 70, o navegador Sir Francis Chichester (LIVRO DA VIDA, vol 3, p.855) concedeu uma entrevista e comentou o forte sentimento de amizade que experimentou em relação a todas as pessoas, cada vez que chegava a um porto. Sentia um prazer enorme em conversar com qualquer desconhecido.

Há outros exemplos que confirmam a idéia de que o homem não nasceu para viver só. É o caso de oitenta prisioneiros condenados ao confinamento solitário numa prisão de Auburn, em 1821. Um ano depois, cinco haviam morrido, um se suicidara e os outros estavam sofrendo de melancolia (LIVRO DA VIDA, vol 3, p.855). Logo, o contato humano poderia ser considerado uma necessidade tão básica quanto o ar e a comida.

Por outro lado, a solidão que aflige grande parte da humanidade moderna representa um trágico paradoxo. Como pode sentir-se solitário o homem urbano,

habitante das cidades em que a densidade demográfica atinge níveis cada vez mais assustadores? O isolamento que ele sente profundamente não é físico. Diariamente esbarra em milhares de pessoas pelas ruas, toma ônibus superlotados, entra em contato com colegas de trabalho, de escola, vendedores, funcionários, motoboys, e contudo essas são relações impessoais. Uma pessoa pode realizar centenas de contatos como esses todos os dias, sem que isso a faça sentir-se menos solitária.

Segundo um grande número de sociólogos e historiadores, ao mesmo tempo em que o processo de urbanização concentra multidões cada vez maiores em espaços reduzidos, ele empobrece sensivelmente as relações baseadas no parentesco e na afinidade emocional. O sociólogo francês Henri Lefebvre afirma que a industrialização transformou a cidade numa forma escassamente organizada. A cidade pré-industrial era basicamente um local de encontro entre as pessoas. Habitar numa cidade ou vila era, antes de mais nada, participar de uma vida social, de uma comunidade. À medida que a indústria progride, o núcleo urbano “explode”, desdobra-se e é absorvido pelos subúrbios, o que Lefebvre caracteriza como “o império da separação e da cisão” (LIVRO DA VIDA, vol 3, p.856).

Nesse novo meio urbano, apesar de ligado a diversos grupos e instituições, o indivíduo raramente tem a sensação de “fazer parte de” uma comunidade. Em certo sentido, é uma ilha cercada de gente por todos os lados, e essa solidão social pode ser muito mais penosa do que a solidão física. Para as pessoas que viveram anteriormente no campo ou em cidades pequenas essa nova sensação costuma ser traumática. Elas recordam com melancolia o tempo em que viviam entre sua gente, em que conheciam o nome, o caráter e a família de todos, os vizinhos inclusive.

O entendimento de alguns psicólogos sobre o declínio da sociabilidade no mundo ocidental moderno é muito interessante. Algumas alterações se manifestam na própria dança (LIVRO DA VIDA, vol 3, p.856). Entre os povos primitivos, a dança é uma atividade essencialmente coletiva. Mesmo nas danças “solo”, a participação de uma audiência que canta ou marca o ritmo é fundamental. Essas características também estão presentes nos bailados folclóricos das sociedades ocidentais. No fim do período feudal, as danças coletivas começam a ficar fora da moda, sendo substituídas, no início do século XIX, pela valsa, pela polca e outras do mesmo tipo. O grupo dividiu-se em partes isoladas. A desintegração gradual do grupo dançante

é interpretada como consequência de um lento isolamento do indivíduo dentro da sociedade.

É relativamente fácil descrever a solidão e constatar que ela ameaça a todos nós. Também não é difícil discutir algumas de suas causas. Muito difícil é imaginar soluções para essa “doença” típica do homem moderno. Um psicólogo tentará auxiliar os indivíduos solitários. Os sociólogos dirão que o problema nasce do estilo de vida de uma sociedade, e não de desajustes individuais. Alguns pensadores preferem afirmar que o homem é solitário por sua própria natureza, eliminando a necessidade de procurar soluções.

O homem comum, pouco preocupado com fórmulas científicas ou pensamentos filosóficos, talvez se limite a simplesmente constatar a própria solidão e a das pessoas que o cercam. Seu desconsolo será semelhante ao desta personagem da peça “Cocktail Party” do escritor T. S. Elliot:

*“Sabe de uma coisa?
Não vale mais a pena falar com ninguém.
Não... Não é que eu deseje ficar sozinho.
Mas é que todo mundo está sozinho – ou ao menos assim me parece.
Fazem ruídos e pensam que estão conversando entre si.
Põem uma expressão no rosto e pensam que se entendem.
E estou certo de que nada disso acontece”¹⁵.*

E assim registrou Carlos Drummond de Andrade a necessidade de ter um amigo, aquele que lá está só para ouvir, para ficar calado:

*“Nesta cidade do Rio,
De dois milhões de habitantes,
estou sozinho no quarto,
estou sozinho na América.
De dois milhões de habitantes!
E nem precisava tanto...
Precisava de um amigo,
Desses calados, distantes,
Que lêem verso de Horácio*

¹⁵ Disponível em http://www.diariopopular.com.br/24_05_02/artigo.html. Acesso em 07/03/2008

*mas secretamente influem
na vida, no amor, na carne.
Estou só, não tenho amigo,
e a essa hora tardia
como procurar amigo?*¹⁶

A solidão foi chamada de uma “condição quase permanente para milhares de pessoas... desconhecendo limites de classe, raça, ou idade”¹⁷. Vez por outra, a solidão atinge a todos, sem discriminação, e pode persistir por um tempo ou durante a vida inteira. O solitário tem consciência de que falta um contato significativo com outros. A solidão envolve um sentimento íntimo de vazio que pode ser acompanhado de tristeza, desânimo, sensação de isolamento, inquietação, ansiedade e um desejo intenso de ser amado e de pertencer a alguém. As pessoas solitárias em geral sentem-se “deixadas de lado”, indesejadas ou rejeitadas, mesmo quando cercadas por outros. Há ocasiões em que elas sentem uma sensação de desespero e um desejo intenso de manter qualquer tipo de relação que venha a aliviar a terrível dor da solidão involuntária.

O professor de filosofia, sociologia, ética, escritor e padre Geraldo Gabriel contribui com a sua tese “A solidão urbana”¹⁸, afirmando que as pessoas não nascem para viver só. Se a pessoa se isola e se separa de todos, ela deixa de ser pessoa. As pessoas se agrupam por diversos motivos e o homem é por natureza um ser social. Não pode viver sem a presença do outro, sem amar, sem ser amado. Infelizmente, é muito comum as pessoas viverem em função dos seus próprios interesses egoístas e não de convivência. Em geral, somos indiferentes para com o outro. Por exemplo, o maior sofrimento dos idosos não são as doenças que geralmente os acompanham, e sim a situação de abandono.

A comunicação caminha na direção da inclusão, da integração. Da inclusão de pessoas diferentes, de formas distintas de ver. Caminha na aproximação de vínculos, de pontes para aproximar-nos das pessoas, sem isolar-nos em grupinhos, panelinhas ou seitas (MORAN, José Manuel op.cit.)

¹⁶ Disponível em http://www.diariopopular.com.br/24_05_02/artigo.html, acesso em 07/03/2008

¹⁷ GORDON, Suzanne, *Lonely in America* (New York: Simon and Schuster, 1976), p.15

¹⁸ Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br/padregabriel/tese/perfil.htm>, acesso em 25/02/2008

Vivemos na era dos meios de comunicação de massa e da intensa publicidade. É a comunicação feita nos moldes da cidade. Como vimos, ela concentra 85% da população atual. O dado mais marcante do mundo moderno é o crescimento acelerado de um novo tipo de sociedade – a sociedade de consumo, na qual culminou a revolução tecnológica iniciada no século XVIII. O fenômeno das migrações internas contribuiu com o aumento vertiginoso de uma civilização urbana em todo o mundo, cuja característica é o grande consumo de produtos de tecnologia. Esses produtos são massificados pela intensa publicidade que controla os interesses econômicos, ligados puramente ao aumento de produção que depende de um consumo que somente é possível numa sociedade na qual viver é possuir. Logo, quando se fala de consumismo, fala-se da idéia contemporânea, pós-moderna, de consumir produtos ou serviços desenfreadamente, ou seja, sem controle, sem limites e, muitas vezes, sem consciência. A sociedade capitalista industrial criou o mito do consumo como sinônimo de bem-estar e objetivo principal no processo de civilização. Na obrigação do prazer manipulado “o homem é reduzido a um mero consumidor de mercadorias” (SAYÃO, 2001, p.48), onde o “ter” torna-se mais importante que o “ser” (se possível produtos de grife, para gerar maior status). E uma das maiores armas do consumismo é a mídia publicitária. Essa tendência do “ter”, mais importante que o “ser”, leva a pessoa humana a tornar-se cada vez mais individualista e, portanto só. O sujeito é dono do seu próprio destino, não tem mais a visão de que necessita do próximo, perdendo a visão da interdependência social. O homem pós-moderno urbano entende-se como alguém que está lutando sozinho, e nessa luta considera-se imbatível e único. Este homem tem obsessão pelo êxito individual e seu egoísmo o leva a cegueira.

Portanto, nunca estivemos tão desencontrados uns dos outros. Seria de se esperar que a cidade fosse o lugar de encontro. Todavia, não é isso que se percebe. O quadro de solidão do homem urbano agrava-se ainda muito mais nos dias de hoje, em razão do consumismo desenfreado, como vimos, mas também em razão da insegurança e violência sempre crescente. Os condomínios fechados, os clubes, os apartamentos, funcionam como prisões onde famílias inteiras se enclausuram e se isolam do mundo real. O outro passou a ser uma ameaça, o mundo das ruas um campo de batalha, o trânsito, um desfile de loucos.

As velhas cidades feitas para que as pessoas se encontrassem, o velho modelo de cidade espanhola ou portuguesa, com belos becos e praticinas onde as pessoas se reuniam, são modelos que não funcionam mais na atual concepção dos urbanistas e planejadores. O ator principal é o tráfego e, portanto, a linha reta. Toda praça e curva são obstáculos à circulação. Há que fazer essas cidades em função do tráfego, o que significa uma transformação radical. (BARBERO, Jesus Martin. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social in SOUZA, Mauro Wilton (org). Sujeito, o lado oculto do receptor, Brasiliense, São Paulo 1995 pp.47).

No caso das cidades brasileiras, o padrão é o mesmo. De acordo com Pe. Geraldo Gabriel, apesar de Niemeyer ter preferência por curvas e contornos, em Brasília, uma das maiores cidades planejadas, a linha reta venceu as linhas curvas e as praças são os shoppings. As praças de alimentação jamais foram planejadas para promover encontros, mas para o consumo. O ser humano urbano contemporâneo sente-se dilacerado, fragmentado e terrivelmente só. O isolamento que o homem experimenta nos grandes centros urbanos o massacra e o oprime. Geograficamente estão juntos, porém separados pelo medo, pela insegurança e pela constante ameaça do outro.¹⁹

Apesar do homem agrupar-se para sobreviver e fortalecer-se no grupo, muitos morrem de fome e solidão porque a cidade não tem sido espaço de comunicação. Nestes grandes centros as pessoas se entrecruzam medrosas, não se falam, não dialogam, e não se entendem. Isso explica a grande incidência de vícios, depressão e suicídios. Enquanto os espaços de encontros urbanos estão cada vez mais escassos, os consultórios são cada vez mais cheios. A proposta de uma terapia de encontro segundo o autor, sem dúvida poderia resolver muitos de nossos problemas no encontro da libertação pessoal. Veremos mais adiante a experiência nesse sentido da Igreja Batista Alemã de São Paulo.

O contato familiar, suas tradições, suas opiniões e sua própria presença perderam força nas grandes cidades, porque é fácil fugir do seu controle e perder-se anonimamente na grande multidão urbana.

A maioria das relações urbanas é muito formal e impessoal e, vez por outra, primária, como o contato com o porteiro do prédio, o caixa do supermercado, o frentista, o motoboy, mas sem atingir nenhum grau de profundidade. A solução para muitos é fugir da solidão recorrendo ao computador, onde procuram desesperadamente estabelecer algum diálogo possível. Graças aos meios de

¹⁹ Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br/padregabriel/tese/perfil.htm>, acesso em 25/02/2008

comunicação, hoje o distante ficou perto e o mundo passou a caber dentro do televisor. “Provavelmente conhecemos melhor a vida da filha da Xuxa, do que a filha recém-nascida da casa ao lado... Nosso desafio hoje é recuperar também o contato com a vizinha além de saber a história da Xuxa” (GABRIEL, 2001, p.2).

2.1 Comunicação e carência

Já vimos que o homem moderno é o próprio homem urbano, e que a cidade é o lugar da solidão, logo, ele é também o homem carente. “Somos ‘ocados’ e precisamos nos completar com o outro de alguma forma” (GABRIEL, 2001, p.1).

Na religião, essa complementação é um convite à construção de uma fraternidade chamando as pessoas a saírem de suas casas para se encontrarem. Mas é praticamente impossível colocar isso em prática num mundo urbano, marcado por falta de espaços físicos. O mundo contemporâneo está cheio de máquinas, habitações verticalizadas, engaioladas umas sobre as outras, não permitindo os encontros como antigamente. Até mesmo nos fins de semana, o homem urbano mergulha na solidão de sua casa. Ele observa apenas o mundo pela sua TV e se satisfaz com as suas programações superficiais. Além do mais, a TV promove a separação dos hábitos produzidos nas pessoas que ficam sentadas frente à tela, raramente comunicando-se de maneira direta entre si. Envolvidas no mundo imaginário das produções de TV, é fácil viver através das personagens na tela, em lugar de relacionar-se com vizinhos e parentes.

Portanto, há dentro nós, de todo ser humano, uma necessidade brutal de se comunicar com o outro. Essa necessidade é cada vez maior no mundo urbano onde ninguém nos conhece, ninguém nos escuta, ninguém nos ouve. Como então preencher nossa necessidade de informações? De desejos, expectativas, como acalmar nossos medos?

Assim, a comunicação nos torna mais humanos e menos solitários, mesmo porque nos momentos decisivos, como ao nascer, ao morrer e diante das muitas escolhas que vamos realizando ao longo da vida, nós nos sentimos profundamente sós.

Por outro lado, na comunicação busca-se preencher as carências, aprender mais profundamente sobre si mesmo e sobre o outro, sobre o mundo, e quem o consegue atinge os mais altos níveis de realização que o ser humano pode aspirar. Por tudo isso pode-se afirmar que a comunicação é condição *sine qua non* para o

ser humano. Se ela não for praticada, haverá um processo de desumanização, não haverá compreensão de si mesmo e haverá um processo de despersonalização e de animalização do homem.

No romance “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, o personagem Fabiano se comunica através de exclamações guturais, reclamações, onomatopéias e gestos. Não consegue raciocinar e não consegue traduzir verbalmente o que vê. A cachorra Baleia parece entender mais da vida que o próprio Fabiano. Sem a capacidade da comunicação, Fabiano está muito animalizado. Sua “linguagem” reflete sua condição de vida. Ele é mais um bicho. Ele não se relaciona, ele não é gente.

...Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros (...) Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a murmurando: - Você é um bicho Fabiano (RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 1984, p.18).

Desde que nascemos, todos nós precisamos falar e ser ouvidos. Não nascemos para a condição de bichos. Enquanto nos comunicamos nos tornamos humanos, capazes de dar significados ao que ouvimos, capazes de simbolizar as mensagens recebidas.

2.2 As tensões urbanas – Os inimigos do homem

Há um consenso entre os antropólogos e pesquisadores de que o homem urbano deseja mesmo viver num ambiente tenso (LIVRO DA VIDA, vol 7, p.2880). A tensão não é algo novo, mas no mundo de amanhã ela representará uma ameaça muito séria à nossa saúde.

De acordo com eles, a tensão é o produto da interação entre um indivíduo e o meio em que vive. Não é um aspecto novo na vida. Por outro lado, o homem atual parece viver de modo a facilitar a criação de um ambiente tenso. Com certeza a tensão pode estar implicada em diversas das chamadas “doenças da civilização”, como as doenças cardíacas e arteriais, as úlceras gástricas, o alcoolismo, os estados de ansiedade e os colapsos mentais. Apesar disso, o fato é que as pessoas reagem de maneira bem diferente diante da tensão.

Segundo eles, há cerca de 1 milhão de anos o homem existe com sua forma biológica atual. Contudo, as mudanças mais drásticas no seu modo de vida foram

comprimidas numa faixa de alguns milhares de anos. A revolução agrícola, que aconteceu há mais ou menos 6.000 a 9.000 anos, possibilitou grandes modificações no modo de vida humano, mas foi a Revolução Industrial que mais transformou seu meio. Na Europa ocidental, essa reviravolta tecnológica e social trouxe o aumento da subnutrição, do alcoolismo e das doenças infecciosas – isso porque pessoas vindas do campo eram subitamente expostas a condições de vida inteiramente novas. A partir de então o homem vem experimentando mudanças drásticas, tanto no meio ambiente como na vida diária.

Somente a capacidade humana de adaptação à mudança evitou uma catástrofe até aqui. Mas os cientistas começam a questionar se essa capacidade não estaria atingindo seu limite máximo. Poucos negariam que a aceleração no ritmo de mudança na sociedade está cobrando um preço muito alto. As tensões da vida urbana são pelo menos em parte culpadas pelo aumento dramático de doenças mentais registrados nas sociedades industrializadas.

Hoje tudo muda com tanta rapidez que os processos de adaptação biológica e social não dispõem de tempo para entrar em ação. Resultado: maiores tensões sobre o indivíduo. Provocado principalmente por grande concentração de gente, industrialização, trabalho excessivo, a agitação, entre outros... De todas elas, a que mais caracteriza o mundo moderno é a neurose, motivada principalmente pela insegurança, não só física quanto emocional.

A revista nº 5 da AONP, Associação Odontológica do Norte do Paraná, edição de junho/julho de 2001, publicou a seguinte matéria: “Doenças do meio urbano: como livrar-se delas”. Segundo a matéria, um dos mais importantes gurus indianos esteve em Londrina/PR; fez um diagnóstico do comportamento do homem moderno, e resumiu numa entrevista toda a ansiedade e desequilíbrio emocional que envolve grande parte das pessoas nas grandes cidades:

Temos medo de ficar sós, porque temos medo de nós mesmos. E de descobrirmos que vida estúpida levamos. Poucos enfrentam a solidão. Por isso há a necessidade de pessoas em volta, da multidão, dos meios de comunicação. Nunca ficamos sós. Quando resta para ouvir e ver, dormimos (CHINNAYANANDA, 2001).

Nessa busca desenfreada por companhia as pessoas procuram cada vez mais se juntar, competindo espaços e desgastando-se e gerando os mais variados males. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a

arteriosclerose (endurecimento das artérias) uma terrível forma de “epidemia”, típica dos tempos modernos. Sua manifestação cardíaca é o enfarte, que em todos os países industrializados é a principal causa de mortalidade em pessoas entre 40 e 60 anos de idade. De acordo com especialistas em cardiologia, os estados de tensão nervosa agravam consideravelmente a propensão a essa doença²⁰.

A vida profissional, cercada por um clima de competição gera insegurança e tensão crônicas. Médicos afirmam que, os acidentes vasculares cerebrais (trombose, embolia, hemorragia), acontecem com mais incidência nas metrópoles e, em geral, decorrem de arteriosclerose e hipertensão.

Segundo a revista da AONP, especialistas atribuem o estresse ao desgaste do indivíduo, na tentativa de ajustar-se à hostilidade de seu ambiente no meio urbano contemporâneo. Para se adaptar à cidade grande a pessoa gasta uma enorme quantidade de esforços, culminando em estresse, a chamada doença dos tempos modernos. Tudo isso gera hipertensão arterial, distúrbios neurovegetativos, ansiedade crônica, fadiga, agressividade e envelhecimento precoce. O estresse se manifesta de várias formas (úlceras, doenças cardíacas, etc.), resultado de inúmeras causas: a poluição, o sedentarismo, o confinamento em locais fechados, a competição profissional e a solidão, são as principais causas apontadas pelos especialistas.

Uma coisa é certa: a maioria de nós enfrenta a aventura cotidiana da cidade grande, e voltamos para casa de certa forma fatigados. Os especialistas afirmam que a carga emocional suportada pelo homem urbano estaria levando-o a um novo comportamento, à violência, ao desamor, à indiferença, ao ódio. Tudo isso é caminho aberto para a neurose, diz o médico-psiquiatra londrinense, Milton Bocato. Para ele,

A cidade grande é o resultado da concentração da população, dos instrumentos de produção, do capital, dos prazeres e necessidades, ilusões e decepções. É, antes de tudo, um núcleo denso e permanente de pessoas heterogêneas e uma fonte de muitos males sociais: Miséria, poluição, violência, caráter desviante e elevada incidência de quadros neuróticos. O psiquiatra lembra que, com toda essa gente se acotovelando é que surgem as pressões, opressões, medo, insegurança etc. Manter o equilíbrio mental é tarefa difícil, face esse ritmo estressante, neurótico e até mesmo psicótico, do nosso cotidiano (BOCATO, 2001).

²⁰Revista nº 5 da AONP, Associação Odontológica do Norte do Paraná, edição de junho/julho de 2001

Segundo o psicoterapeuta Marco Antonio Spinelli, “a sociedade vivencia problemas que estão provocando mudanças estruturais. A maioria das pessoas nos grandes centros está no limite da sobriedade e da barbárie”²¹. Ele diz que isso acontece por diversos motivos, tais como: um dia de trabalho cansativo, desemprego ou medo de perder a ocupação profissional; o alto nível de violência, etc. Para o psicoterapeuta, o diálogo é a forma mais eficaz para solucionar problemas causados pelo estresse, “pois temos de treinar nossa personalidade para aceitar e respeitar as diferenças, além de exercitar nossa capacidade de comunicação mútua”. Ele explica que esse trabalho pode ser iniciado na família, no trabalho e no condomínio onde se mora.

Para o psicoterapeuta,

É preciso ter em mente que um dos principais fatores estressantes em uma cidade grande é justamente a dificuldade de comunicação entre as pessoas. Isso deixa a sociedade doente, aumentando o uso de calmantes, da violência, do isolamento humano (SPINELLI, 2001).

É por isso que o papel da igreja é de suma importância no seu contexto urbano. De alguma forma, ela deve servir bem o homem urbano, ter compaixão dele, ir ao encontro dele, ter uma relação de amor com ele, tal qual teve Jesus de Nazaré, com as pessoas da cidade, com os aflitos, os oprimidos, com os pobres, porque ele veio para buscar e salvar o que estava perdido (Lucas 19.10). Segundo Ed René (Vivendo com propósitos, p.106), “o trânsito de Jesus no meio das multidões era admirável. Conseguia andar no meio da massa sem perder de vista o indivíduo, ele conduzia as pessoas no processo extraordinário de transformação pessoal”.

²¹ Revista nº 5 da AONP, Associação Odontológica do Norte do Paraná, edição de junho/julho de 2001

Capítulo 3 A influência do pastor na comunidade local cuidando do homem urbano

E o que dizem os autores cristãos quanto ao papel da igreja para tentar resgatar a dignidade do homem urbano? Qual o papel do pastor? O que os autores pensam? Quais são suas sugestões? É o que veremos neste capítulo.

O Dr. Jorge Barro ressalta que a urbanização é o maior fenômeno da história mundial, que a migração das pessoas para as cidades é um processo cada vez mais crescente, e a ênfase pelo contexto urbano no livro não significa uma opção preferencial pelas cidades, mas uma opção natural pelas cidades, uma vez que de acordo com o último censo (2000) o Brasil é aproximadamente 85% urbano – isso significa que 85% da população brasileira vive no contexto das cidades. “Logo, é urgente e necessário discernir e compreender o papel da igreja no ambiente urbano” (BARRO, 2003, p.22).

O autor defende que o desenvolvimento da missão da igreja está intimamente ligado à própria missão pastoral, ou seja, o pastor urbano é um missionário para a cidade, preparando sua comunidade como agente de Deus para a cidade, e o destino final é ver transformações acontecendo na vida das pessoas e através do intenso envolvimento com a cidade.

Vejamos algumas características do pastor urbano:

3.1 O pastor urbano é um pesquisador da sua cidade

O pastor, professor e co-autor Rubens Ramiro Muzio afirma: “Cada vez mais precisamos admitir que existe uma estreita relação entre o contexto urbano e as igrejas urbanas” (BARRO, 2003, p.19). Ele destaca que é preciso reconhecer as fortes e dramáticas relações que existem entre o contexto urbano e as igrejas da cidade. Sua impressão é que a maioria das igrejas enfatiza muito mais seus sonhos pessoais, projetos ministeriais, resolução dos seus próprios problemas, voltadas para seus prédios e instituições dando pouquíssima atenção ao contexto social e cultural onde se encontram. Segundo ele, é necessário que a igreja pesquise melhor os temas ligados ao urbanismo do Brasil e das cidades brasileiras, aplicando uma hermenêutica de vida mais bíblica e urbana. Em conversa com muitos pastores ele observou alguns conceitos errôneos por trás do discurso e

prática das igrejas brasileiras, tais como: “a cidade, em si mesma, define-se como má e pecadora”. Como não podemos escapar dela, dizem esses pastores, devemos tolerá-la e suportá-la, sempre buscando nos isolar de sua maldade e escaparmos de sua contaminação moral.

Porém Romanos 8.18-22 diz que a criação está frustrada, gemendo com as dores de parto, esperando a manifestação da glória dos filhos de Deus. Conforme o autor, muitos crêem que esta manifestação apenas refere-se à volta do filho de Deus. Mas da mesma forma que o Reino de Deus já chegou e está presente em nós, cada cristão tem a responsabilidade de manifestar o Reino aqui-e-agora e cada igreja tem o papel de ser instrumento do Reino na cidade, pesquisando com seriedade a cidade focando estratégias urbanas, pois somos cooperadores e co-criadores do Reino de Deus em nosso emprego, comunidade local, bairro, cidade, país, até os confins da terra, conclui o autor.

Em sua opinião, Rolando Gutiérrez Cortés resume muito bem a mobilização da igreja no contexto urbano. Ele afirma o seguinte:

A mobilização da igreja para a missão na cidade demanda ouvir, conhecer e atender a comunidade, assim como envolver, preparar e apoiar toda a igreja local para que trabalhe harmonicamente com seus pastores e líderes. É necessário aproveitar toda informação e estimular a comunicação oportuna. É preciso lembrar que, sem conhecimento da realidade que se pretende servir, não há trabalho suficiente. Além do mais, se não se atende ao contexto da igreja em sua missão integral, o trabalho resultante é ineficaz (1989:113).

O autor sugere ao pastor urbano conhecer a situação atual da região onde está localizada a igreja, pergunte como estão as condições de vida de seus moradores e justiça social ao redor da igreja: Por que isso acontece? Quais são as causas desses problemas observados? Uma vez conhecendo as necessidades e oportunidades ao redor, à luz da Palavra e em sensibilidade ao Espírito Santo, o pastor e sua liderança poderão servir à cidade, desenvolver seus projetos e propósitos, aproveitar todos os recursos e dons de cada membro da igreja no serviço da cidade, proclamar profeticamente justiça e santidade e ministrar sacerdotalmente paz aos homens e mulheres e reconciliação com Deus em Jesus Cristo.

3.2 O pastor urbano é um líder praticante da solidude

O professor e co-autor Alfredo dos Santos Oliva afirma que a melhor palavra para caracterizar o nosso mundo contemporâneo é “*pressa*” (BARRO, 2003, p.115). Segundo ele, o morador operário das grandes cidades é agitado e nervoso. Corre para não ser assaltado, para não chegar atrasado no trabalho, para realizar mais do que é possível em um dia de vinte e quatro horas. Se há uma palavra que pode expressar o estado de espírito dos que vivem em grandes centros urbanos é *estresse*. As pessoas estão cansadas física, emocional e espiritualmente.

O autor convida o pastor urbano a “puxar o seu freio de mão” e parar para ouvir a voz de Deus, conduzindo-o através de um itinerário espiritual que pode aliviar o estresse. Não é fuga para se viver isoladamente, fugir da realidade é uma atitude tão nociva quanto à de se deixar levar por sua velocidade. O pastor urbano precisa aprender a subir ao monte e em silêncio refrigerar-se junto ao Pai para depois descer e contribuir para curar as feridas das pessoas que estão vivendo em um ritmo alucinante. Nenhum outro guia poderia ser melhor que a Palavra de Deus para ensinar algumas coisas importantes sobre como exercer a espiritualidade no meio urbano.

O itinerário espiritual que ele propõe começa com um convite à vida de oração. A primeira parte do caminho baseia-se no Salmo 23. Depois que o pastor urbano aprender a conversar com o Pai Celestial, ele estará pronto para confiar nele e deixar ser conduzido por ele a um vale com pastagens verdejantes e águas tranqüilas, um refrigerio para um coração massacrado por más notícias, violência e *pressa*. Em segundo lugar, com o Salmo 23 os pastores devem deixar que o Pastor Celestial tome conta de suas vidas e de suas angústias urbanas. Orar, estar nos braços do Pai Eterno, mas também adorá-lo diariamente, este é o terceiro momento do caminho que ele sugere. Não apenas adorá-lo, mas fazê-lo sem restrições, sem barreiras, sem a *pressa* que oprime a todos que vivem em grandes centros urbanos. O quarto capítulo do Evangelho de João (João 4.1-29) é o guia nesta parte do trajeto.

Segundo o autor, a contemplação que começa com uma conversa íntima com Deus (oração) segue através de um encontro com o Senhor em um local tranqüilo para apreciar sua bondade e seu amor (adoração), deve desembocar em ação. Não de uma forma de ativismo, mas da ação que se espelha no modo como

Jesus agia em seus tempos quando trilhava pelas cidades, curando, proclamando e ensinando, com compaixão e ternura (BARRO, 2003, p.203). O autor conclui dizendo que o maior risco para quem trabalha com pessoas desesperadas é o de tornar-se alguém igual a elas. A única imunidade contra a desesperança é o poder de Deus fluindo através das vidas dos pastores. Este poder precisa ser buscado diariamente, o tanque deve estar cheio, pois muitos precisam beber. Se os pastores estiverem abastecidos, as pessoas beberão e se fartarão, mas se o reservatório estiver vazio serão despedidos como ovelhas que não possuem pastor urbano. Nunca nos esqueçamos das palavras de Jesus: “Sem mim vocês não podem fazer nada” (João 15.5). Aproximemo-nos então do Mestre!

3.3 O pastor urbano encoraja uma relação sadia da igreja com a cidade

O Dr. Jorge Barro afirma que o pastor do reino de Deus é pastor da cidade, e na cidade está à igreja local. Por sua vez, os pastores têm dificuldade de entender isto, mas mais dificuldade ainda têm os membros da igreja. Para eles, o pastor contratado é funcionário deles, que são dizimistas fiéis, logo não entendem quando o pastor gasta tempo e cuida de gente que não pertence à igreja, mas que está no importante processo de conhecer Deus. É óbvio que os pastores devem cuidar dos membros (manutenção da fé), mas não podem jamais esquecer que só pode existir manutenção quando existir a missão. Sem missão não existiria manutenção.

Vimos no primeiro capítulo que Jesus estava no meio das pessoas, no meio das cidades, o mundo de Jesus não era o mundo das sinagogas. Por sua vez hoje os pastores andam com crente, aconselham crente, pregam para crente, discipulam crente, visitam crente, almoçam/jantam com crente, vivem para o crente e não têm tempo e não têm agenda para as pessoas da cidade. O autor destaca a necessidade de pastores com cheiro de gente, que andem com as pessoas, que conheçam sua cidade, que saibam como é a vida fora dos portões da igreja. Jesus era assim, um homem que desenvolveu seu ministério pastoral com as pessoas da cidade.

O Dr. Barro costuma afirmar em suas palestras: “Diga-me qual é a tua teologia que eu te direi como será o teu envolvimento com a cidade” (BARRO, 2003, p.203) querendo dizer com isso que em seu ponto de vista essa é a forma de compreender a ação da igreja com a cidade que definirá o envolvimento do pastor

com ela. Segundo ele, infelizmente, muitas teologias mais atrapalham do que ajudam a presença da igreja com a cidade. Harvie M. Conn tem um excelente artigo, *O reino de Deus e a cidade do Homem: Uma história da cidade em diálogo com a igreja*. Neste artigo Conn demonstra como a igreja se relacionou (dialogou) com a cidade no decorrer da história. O professor Jorge destaca algumas delas, acrescentando outras:

- *A igreja-contra-a-cidade*: uma postura mais negativa e pessimista da cidade.
- *A igreja-da-cidade*: uma postura mais positiva, porém que acaba perdendo sua identidade, confundindo igreja e cultura.
- *A igreja-acima-da-cidade*: uma postura escapista, de abandono, de celeste porvir, cuja idéia central é que não somos deste mundo.
- *A igreja-a-favor-da-cidade*: uma postura de participação, mas sem censo crítico e profético, sem discernir o bem e o mal na cidade.
- *A igreja-na-cidade*: uma postura alienante, de localidade geográfica, sem participação na vida cotidiana e sem interesse na transformação da cidade.
- A proposta do professor é esta: a *igreja-com-a-cidade*: um grande desafio da missão urbana hoje é ser uma igreja *com* a cidade. Mas para ser uma igreja *com* a cidade o professor incorpora algumas das outras relações acima:

(A) PARA SER UMA IGREJA COM A CIDADE, PRECISAMOS SER PROFÉTICOS.

Isso significa que muitas vezes a igreja precisar ser contra-a-cidade. Ser contra a impunidade da cidade, contra o descaso dos oprimidos, contra a injustiça social, contra a idolatria da cidade, os menores nas ruas, o abandono dos aposentados, contra o mau uso dos recursos públicos, enfim, só se deve ser contra aquilo a que o próprio evangelho de Deus opõe.

A igreja precisa ser contra, não por questões culturais, mas porque os valores do evangelho fazem-na assumir uma postura profética, de voz que clama, ainda que solitária e no deserto. Sem essa postura perde-se uma parte essencial da identidade como igreja e povo de Deus.

Lamentavelmente, essa é a fotografia que vemos do Brasil, uma igreja evangélica calada diante das injustiças sociais e uma igreja que perdeu sua força de manifestação por causa dos constantes escândalos morais, dos seus próprios pastores ou da “bancada do Congresso Nacional que se diz ser evangélica” (meu acréscimo).

(B) PARA SER UMA IGREJA COM A CIDADE PRECISAMOS SER ENCARNADOS.

A igreja também precisa participar da vida da cidade. Ela não é da cidade, mas participa da vida da cidade. Isso demonstra sua forma de ser igreja – *encarnada*. A encarnação é um dos princípios elementares de participação na vida do outro. Nosso modelo é Jesus, o verbo que se fez carne e habitou entre nós. A encarnação de Jesus nos possibilitou ver a Glória do Pai e revelou o próprio Deus. Assim também deve ser com a igreja. Ao se encarnar (literalmente: *colocar sua tenda no meio de*), a Igreja revela Deus ao mundo. Segundo o autor, não devemos confundir encarnação com fazer aquilo que os outros fazem. Encarnação é compaixão que se identifica que se revela que mostra um povo próximo, que ama, que busca o perdido, que é referência, que indica o caminho a seguir. Jesus, ao nos indicar o caminho para Deus, se aproximou de nós. Muitas igrejas, ao quererem indicar o caminho para Deus, ficam “mandando recados” sem conteúdos, dizendo de longe, “Deus te ama”. Mas deve ser justamente o contrário: porque Deus ama as pessoas que nós nos aproximamos.

(C) PARA SER UMA IGREJA COM A CIDADE, PRECISAMOS VER ALÉM DO AQUI E AGORA.

As pessoas que trabalham nos centros urbanos conhecem a frustração e o desespero em relação ao aqui e agora, comenta o professor Barro. Quem pode, por exemplo, resolver de uma vez por todas o problema da violência urbana no Brasil? E a angústia daqueles que trabalham com assistência social, por não saberem como resolver os problemas das pessoas da cidade? Por isso o autor enfatiza a necessidade de trabalhar com a realidade nua e crua, de utopia, de esperança, de uma escatologia que ajude em vez de atrapalhar. Ao verem que a situação é difícil, muitos optaram por uma escatologia do celeste porvir, apenas do além, do céu e do amanhã. E de forma escapista dizem: o mundo jaz no maligno e nós não somos desse mundo. Essa escatologia não ajuda. A que ajuda é aquela que nos ensina a

viver a tensão entre o *já* e o *ainda não*. Já presenciamos o reino de Deus, mas ainda não na sua plenitude. René Padilla diz:

...Deus em Jesus Cristo, quando anuncia que “o reino de Deus está próximo”, não quer dizer que o fim do mundo está à vista, senão que em sua própria missão Deus está visitando o seu povo, cumprindo assim a esperança profética. (Ensaio sobre o Reino e a Igreja - Missão integral, p. 83)

O *ainda não* (reino por vir), deve ser nosso encorajamento para viver no *já*, no *aqui* e *agora*. O desafio é este: trazer o *ainda não* para o *já* (Isaías 65.17-25). É fazer com que a Nova Jerusalém seja modelo e paradigma para a Velha Jerusalém (nossa cidade). É orar como Jesus orou, “Venha o teu reino; seja feita a tua vontade assim na terra como no céu” (Mateus 6.10). Isso é compromisso. É dessa utopia que precisamos. Uma utopia não-escapista, mas que nos motive a viver no *já* com os valores do *ainda não*. Só pode ser *igreja-acima-da-cidade* quem é também *igreja-da-cidade*.

(D) PARA SER UMA IGREJA COM A CIDADE, PRECISAMOS ASSUMIR A LOCALIDADE GEOGRÁFICA QUE DEUS NOS DEU.

O autor destaca a importância da geografia, a localidade, o espaço, o ambiente, a vizinhança das pessoas das quais Deus confiou à igreja local. Diz respeito a “*estar em*”. Paulo dizia sempre, ao se referir a igreja, dizendo: “a igreja que *está em*”. Não é possível, conclui professor Jorge, estar na localidade e não levar em consideração todas estas questões. É preciso levar em conta porque Deus permitiu colocar sua igreja num determinado lugar, cidade ou bairro. Um dos grandes desafios atuais para as igrejas urbanas: ela está no bairro, mas não pertence ao bairro.

A maioria das pessoas que freqüentam a igreja vem de outras localidades e de bairros distantes. Conseqüentemente, a localização da igreja tem importância apenas geográfica, mas a igreja em si não tem ministério e compromisso com as pessoas que estão nos arredores. Tal é a importância da encarnação. Essa igreja passa a ser o que muitas cidades já são hoje, uma cidade dormitório, conclui Barro. As pessoas virão para o culto e voltarão para seus bairros e não irão se comprometer naquela localidade onde a igreja está. Isso implicará em sérias conseqüências em relação à credibilidade da igreja no futuro.

É necessário rever urgentemente como ser igreja na cidade, quando a maioria dos participantes vem de fora, a igreja passa ser uma igreja-dormitório. É por essa razão que hoje vemos a grande explosão dos grupos pequenos, células ou grupos familiares.

Assim, podemos e devemos ser *igreja com a cidade*, conclui o professor. Isto porque temos algo a dizer (profeta). Já sabemos como dizer e fazer (encarnação). Já sabemos nosso destino (a nova Jerusalém, novo céu e nova terra). Por isso somos desafiados a amar aqueles que Deus já amou e nos deu (assumir nossa geografia).

3.4 O pastor urbano é sensível à solidão do homem urbano

O pastor urbano deve aprender a desenvolver a sensibilidade para perceber a aflição da solidão do homem urbano. Mais do que desenvolver a sensibilidade é estar disponível a um diálogo, a uma provável aproximação, a uma tentativa de contato com o solitário que deseja atenuar a sua dor.

Por fruto de observação notamos que na maioria das vezes, não é na primeira visita à igreja que se estabelece um contato. Normalmente, com raras exceções inicia-se uma conversa na segunda ou na terceira visita.

O pastor urbano não deve ser precipitado, pelo contrário, sua atitude de “presencia/ausência” deve facilitar à quebra da timidez e contribuir à confiança. O diálogo finalmente será o resultado natural desta combinação, “presencia/ausência” do pastor. Em outras palavras, o pastor não deve estar tão presente que venha inibir o visitante, por sua vez não tão ausente que venha mais ainda amedrontar o solitário, mas estar disponível no momento certo. Momento este, dirigido pelo Espírito Santo.

CAPÍTULO 4 A experiência da Igreja Batista Alemã de São Paulo – IBASP, abrindo suas portas para o público

Há décadas, a Igreja Batista alemã de São Paulo (IBASP) vem tentando alcançar sua vizinhança. Inicialmente tivemos a “escola sabatina” – aos sábados à tarde – crianças economicamente mais carentes recebiam noções básicas de conhecimento bíblico. Na verdade, nem todas essas crianças moravam perto da igreja; algumas vinham de bem longe. A escola funcionou por vários anos, mas por falta de motivação por parte dos professores e alunos a escola foi encerrada. Hoje há reuniões de estudos bíblicos nas quartas-feiras à noite para essa faixa social mais carente, e um cronograma de assistência social que inclui visitação, distribuição de roupas e alimentos, brechós, cursos para donas de casa, como panificação, culinária, artesanato, costura. Tudo isso tem a finalidade última de evangelizar essas pessoas e trazê-las para a vida da igreja, porém os resultados obtidos são apenas modestos.

Antes de 2006, abríamos as portas do templo da igreja durante a semana nos horários em que não havia nenhuma programação da igreja apenas algumas vezes, a fim de atender às solicitações isoladas dos interessados para orar. Essas pessoas agradeciam pela boa oportunidade e logo retornavam aos seus afazeres. Em geral, já eram cristãos convertidos e alguns deles voltavam em outras ocasiões. Essas solicitações foram muito importantes, porque a sua somatória, mais o desejo de sermos úteis no bairro, nos despertaram para o nascimento desse ministério.

A partir de 2006 vislumbramos outros horizontes. A localização da igreja é peculiar, uma área de intenso movimento de pedestres, próxima a duas linhas de estação de Metrô (São Joaquim e Vergueiro), próxima dos principais hospitais de São Paulo, tais como: Beneficência Portuguesa, Hospital do Servidor, Hospital Alemão Oswaldo Cruz, Hospital Santa Helena, Hospital Paulistano e Hospital do Câncer. Além disso, os seus arredores também contam com o Shopping Center Paulista e diversas categorias de hotéis, escritórios de empresas, advocacia, e principalmente clínicas médicas e odontológicas, bem como moradias de alta, média e baixa renda. Sendo assim, muitas pessoas circulam na Rua Maestro Cardim, (endereço da IBASP) no seu horário de almoço para “fazer hora”. Diagnosticamos que entre essas pessoas há interessados que desejam relaxar, meditar, conversar ou ficar a sós consigo mesmos e com Deus. Constatamos que essa população não se constitui apenas de

evangélicos, mas também de católicos, espíritas, budistas e outros, representados por funcionários, secretárias, médicos, enfermeiros, advogados, empresários e aposentados. A igreja está ciente dessa comunidade heterogênea e vê uma possibilidade para impactar suas vidas e servir no reino de Deus.

Ao iniciarmos o trabalho em 3 de maio de 2006, nós o divulgamos enviando uma carta de apresentação para empresas, hotéis e restaurantes da região²². Afixamos duas faixas à frente da igreja com o seguinte texto: *“Um oásis no seu dia: sossego, música e meditação. Se quiser conversar, temos tempo para você. De segunda à sexta feira, das 11:30 às 14:00 horas”*.

Durante os dois primeiros meses, as pessoas que passavam em frente à igreja receberam folhetos por meio de uma equipe da terceira idade, voluntários, membros da igreja. Essa equipe posteriormente se integrou ao ministério ajudando na recepção, e é uma satisfação acompanhar o desempenho deles, seu carisma e o desejo de servir a Deus.

Como somos seminaristas, esse projeto representa um desafio pessoal pela sua importância para Igreja Batista Alemã de São Paulo, bem como para a própria denominação. Logo no início entramos em contato com a sede da Convenção Batista Brasileira, a fim de conhecer eventuais iniciativas de outras igrejas, mas a resposta foi que não havia registro de experiências similares apenas de intenções, de modo que fomos os pioneiros.

Por extensão desse ministério, o atendimento da capelania hospitalar tornou-se mais freqüente. Em dois casos houve um vínculo de amizade muito grande entre nós e os pacientes e seus familiares. Nesses dois casos os pacientes faleceram e pudemos realizar seus cultos fúnebres, fatos que marcaram a nossa vida, especialmente pela longa duração de sofrimento e agonia - tanto dos que morreram quanto dos familiares. Os funerais ocorreram em Vitória/ES, e em S.J. do Rio Pardo/SP. Vez por outra, mantemos ainda contato por telefone e e-mail com esses novos amigos.

Graças ao ministério Portas Abertas, nesses dois primeiros anos tivemos o privilégio especial de conduzir três pessoas a entregarem suas vidas ao Senhor Jesus Cristo.

²² Conforme anexo 2

5 Conclusão

Buscamos palavras finais para essa pesquisa, e acrescentamos que um dos grandes desafios de hoje é como desenvolver a missão pastoral e da igreja no contexto das grandes cidades. Para isso, é necessário um despertar da consciência urbana e uma atualização de estratégias para a igreja alcançar o homem urbano.

Assim queremos relembrar alguns destaques:

Logo no capítulo 1 vimos que “A cidade é um habitat humano que permite que pessoas formem relações umas com as outras em diferentes níveis de intimidade, enquanto permanecem inteiramente anônimas”.

Em sua reflexão sobre missões urbanas durante o Seminário “Theologando”, realizado em São Paulo em 25 de outubro, o Pr. Ed René frisou que: “O Jardim do Éden quem fez foi Deus, e a Babilônia quem fez foi Adão. A Nova Jerusalém que descerá dos céus foi edificada por Deus e Adão, a partir da Cruz – é a esperança escatológica, a redenção de toda obra humana. Essa utopia serve para animar a história e, portanto, a vida, o servir e a espera, devem ser celebradas”.

Vimos que Jesus concentrou sua evangelização nas cidades, junto às pessoas, seu ministério ia além da sinagoga, além do mundo religioso e eclesial. Vimos que as atividades missionárias de Paulo deram origem a um novo movimento cristão centralizado cada vez mais seus esforços para alcançar o homem urbano.

Por outro lado, o homem urbano contemporâneo sofre constantes transformações que o condenam a um crescente processo de individualização, a uma subjetividade pessoal e a uma indiferença para com os demais e ao sentimento de solidão²³.

No capítulo 2, vimos que a solidão foi chamada de uma “condição quase permanente para milhares de pessoas desconhecendo limites de classe, raça ou idade” (GORDON, 1976, p.15). A solidão envolve um sentimento íntimo de vazio que pode ser acompanhado de tristeza, desânimo, sensação de isolamento, inquietação, ansiedade e um desejo intenso de ser amado e de pertencer a alguém. As pessoas solitárias, em geral, sentem-se “deixadas de lado”, indesejadas ou rejeitadas, mesmo quando cercadas por outros. Há ocasiões em que elas sentem

uma sensação de desespero e um desejo intenso de manter qualquer tipo de relação que venha a aliviar a terrível dor da solidão involuntária. Portanto, nunca estivemos tão desencontrados uns dos outros. Seria de se esperar que a cidade fosse o lugar de encontro. Porém não é isso que se percebe. Logo, o homem urbano é também um homem carente. Os especialistas afirmam que a carga emocional suportada pelo homem urbano estaria levando-o a um novo comportamento, à violência, ao desamor, à indiferença, ao ódio e por fim à neurose²⁴.

No capítulo 3, vimos que o pastor urbano é um missionário para a cidade, preparando sua comunidade como agente de Deus para atendê-la. Isso envolve ouvir, conhecer e atender a comunidade e preparar toda a igreja para haja envolvimento, aproveitando todos os recursos e dons de cada membro.

A melhor palavra que define o nosso mundo contemporâneo é *pressa*! Esse comportamento provoca estresse, físico, emocional e espiritual. Por isso o pastor urbano deve precaver-se, puxar o seu freio de mão para ouvir a voz de Deus através da contemplação para só então estar disponível para as pessoas estressadas.

Do ponto de vista da teologia urbana, a principal proposta do Dr. Jorge Barro é o envolvimento da igreja com a cidade, devendo ela ser uma igreja profética que defende na cidade o posicionamento do evangelho de Cristo. A igreja ainda precisa participar da vida da cidade de forma encarnacional, ou seja, compadecendo-se, amando e orientando as pessoas, sendo referência no seu bairro.

Vimos que para ser uma igreja com a cidade precisamos ver além do *aqui e agora*, viver a tensão entre o *já* e o *ainda não*. O Reino por vir (o *ainda não*) deve ser nosso encorajamento para viver no *já*, no aqui e agora, não de forma escapista más como compromisso de estar com a cidade. E obviamente a igreja precisa também assumir a localidade geográfica que Deus lhe deu - em outras palavras, ter um ministério e compromisso com as pessoas que estão nos arredores. Tal é a importância da encarnação.

No capítulo 4, examinamos a experiência da Igreja Batista Alemã de São Paulo e alguns relatos de casos considerados interessantes. Como foi montada a operação de abrir as portas da igreja, o emocionante envolvimento dos membros

²³ Disponível em <http://agreste.blogspot.com/2006/11/0-homem-urbano.html>, acesso em 05/03/2008

²⁴ Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br/padregabriel/tese/perfil.htm>, acesso em 25/02/2008

da terceira idade com as pessoas e o relato de sete casos relevantes nestes últimos dois anos. A experiência mais gratificante para nós foi sem dúvida poder atender e orientar uma psicóloga profissional que saiu grata por a termos ouvido.

Finalmente, foi uma grande satisfação trabalhar neste tema empolgante, principalmente refletir sobre a solidão do homem urbano, seu ritmo acelerado, a falta de tempo, a cansaça, o esgotamento, o estresse, a depressão, características tão comuns da alma urbana. Lidar com a solidão e o sofrimento das pessoas tem sido para nós um desafio e uma alegria também. Creio que com essa pesquisa deixamos o registro do nosso anseio ao pastorado e as marcas das primeiras pegadas.

Nosso desejo com este TCC é despertar uma ação pastoral que mova o povo de Deus a abrir suas portas e ir ao encontro àqueles solitários que estão no meio da urbe, levando a eles compaixão e solidariedade. É ver transformações acontecendo na vida das pessoas e da cidade através do nosso envolvimento com a cidade. Que a igreja saiba interpretar melhor a sua função na expansão do Reino de Deus numa autêntica missão diaconal, através da encarnação do amor de Cristo, dando-lhes atenção, ouvidos, orientações que proporcionem amparo e sentido para suas vidas. Caso contrário, a alma urbana, individual ou coletiva, que não é cuidada, que não encontra o seu bem estar, pode se transformar numa alma despersonalizada, violenta e portadora de doenças mentais. Que os pastores e as lideranças das igrejas sejam sensíveis ao sofrimento humano e das conseqüências da influência da urbe; que o exercício pastoral não atenda somente às demandas do seu próprio rebanho, mas que a igreja lhe permita ampliar seus horizontes, para ser sensível à comunidade à sua volta, marcada pela pobreza, violência e alienação de Deus. Que a igreja desenvolva a escuta e, com a ajuda do Espírito Santo, saiba resgatar a dignidade daqueles que o procuram. Finalmente, que muitas outras igrejas, a exemplo da Igreja Batista Alemã de São Paulo, abram suas portas também durante a semana para que multidões, como as ovelhas aflitas e sem pastor, encontrem um refúgio, para o corpo e para a alma, um lugar para o descanso, para a serenidade, para o refrigério e encontrem principalmente alguém que as possa ouvir, que cuide de sua solidão, de suas dores e traumas, consolando-as e apascentando-as a exemplo do nosso Bom Pastor e Mestre.

Soli Deo Gloria.

ANEXO 1

Alguns relatos de casos considerados interessantes observados na Igreja Batista Alemã de São Paulo

Nossa escolha baseou-se somente naqueles casos em que os visitantes expressaram sua gratidão por aproveitarem o ambiente da igreja para sua meditação, seu descanso e aqueles que necessitavam de alguém que os ouvisse.

Caso nº 1

V., na casa dos 60 anos, veio por alguns minutos para meditar e nos chamou para conversar. Para o nosso espanto, somente no final da conversa revelou que é psicóloga. Criticou o machismo de Jesus Cristo quando conversava com aquela mulher cananéia que lhe pediu ajuda e disse: “...*mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos*” . Tentamos mostrar-lhe o contexto da cultura judaica e fazê-la ver que ainda assim Cristo veio para os seus, mas os seus não o receberam, e que ele está acessível a todos os que o desejam conhecê-lo. No passado V., enveredou-se no espiritismo e no Kardecismo. Reconhece que sua vida espiritual está em déficit e ainda não encontrou o que procura – alegria! Confessou que quando era jovem um padre tentou aproveitar-se dela e então criou raiva da igreja. Neste momento, revelou que é psicóloga, tem uma clínica aqui perto e que, apesar de incentivar seus pacientes a desenvolverem sua fé para ajudar na terapia, V. é triste, sem fé e vazia. Chorou!

A incentivamos conhecer o personagem Jesus Cristo por outra perspectiva lendo cuidadosamente o Evangelho de João, convidando-a para conversarmos a respeito. Agradeceu-nos muito por tê-la ouvido. Para nós, foi uma honra ajudar uma psicóloga profissional.

Caso nº 2

Uma viúva de 70 anos, católica, veio acompanhar familiares para consultas médicas. Viu a igreja aberta, recebeu o convite da recepção e entrou. Após um longo período, à saída, disse: “Querida buscar a Deus e o encontrei”. Ficou emocionada pelo sentimento de paz, de serenidade e tranquilidade, conforme suas

próprias palavras. Ainda quis conversar sobre a sua vida, relatou algumas frustrações do passado e a esperança de viver da melhor maneira o resto dos seus dias.

Caso nº 3

S, de 59 anos está hospedada no hotel ao lado. Segundo ela, quando era mais jovem (trinta anos atrás), foi modelo do estilista Dener, famoso na época. Hoje está abandonada pela família, sem grandes recursos e luta na justiça contra seu ex-marido para reaver seu imóvel. É um tanto desequilibrada e está sob tratamento psiquiátrico. Sua própria médica lhe recomendou que procurasse uma igreja, razão pela qual viemos a nos conhecer. Sente-se só e quando tem oportunidade fala ininterruptamente. Comprometeu-se a ler o evangelho de João. (Detalhe que ela frisou: “A maioria dos meus amigos morreu de AIDS”) Após a primeira visita, veio em muitas outras ocasiões para conversar.

Caso nº 4

O sr. P.tem cerca de 50 anos, já foi médico clínico, porém não pode mais exercer a função porque anos atrás tentou suicídio atirando-se do seu apartamento. Tem severas seqüelas, uma delas é que a cada cinco minutos pergunta: “Sobre o que mesmo estávamos falando?” Vem conversar com certa regularidade porque sua família não lhe dá atenção. Há pouco tempo perguntou se ele poderia interromper seu tratamento psiquiátrico, uma vez que nossos encontros lhe faziam bem. Respondemos que ele jamais deveria interromper seu tratamento. Ele então disse: “A terapia com vocês não me custa nada”.

Caso nº 5

R, uma assistente social, vem com certa freqüência para ouvir uma boa música e meditar. Certo dia, ao sair, disse: “Estou com as baterias recarregadas, foi maravilhoso relaxar e estar com Deus, até outro dia”. É membro da Igreja Renascer em Cristo e gosta de conversar longamente com os nossos colaboradores da recepção, voluntários da terceira idade.

Caso nº 6

Uma senhora de Maringá/PR, católica praticante, acompanhou seu marido que estava se recobrando de uma cirurgia nas artérias. Veio até nós e comentou: “No silêncio senti a presença de Deus e sei que ele me ama”.

A seu pedido, visitamos seu marido algumas vezes na UTI, e seu semblante era de alguém que aguardava com fé a sua recuperação. Nestas ocasiões, lomos alguns trechos bíblicos e orei por ela.

Caso nº 7

O dr. W.G, advogado, vem semanalmente para conversar. É depressivo, recebe cuidados médicos, e apesar da sua profissão, sente-se muito só. Há dois anos vem conversar conosco, por isso temos uma boa liberdade para tratar qualquer assunto. Às vezes almoçamos juntos. Tentamos falar de Cristo a ele, mas até o momento para ele não é interessante. Como ele se põe a falar quase sem parar, somente o ouvimos. Então se despede e vai embora. Em várias ocasiões, antes de prosseguir seu caminho, diz: “você são meus melhores amigos, até breve”.

Poderíamos ainda relatar muitos outros casos, mas cremos que estes são suficientes para demonstrar como as pessoas precisam de um lugar sereno, de descanso, mas também (e principalmente) precisam de relacionamentos, de atenção, de consolo, de poderem ser ouvidas.

Muitos sofrem de solidão em meio a esse caos urbano das nossas cidades. E Jesus de Nazaré, o Deus, encarnado foi ao encontro e se relacionou com as pessoas aflitas, teve comunhão com elas e as curou. Na maior parte do tempo Jesus estava nas cidades, em meio às pessoas, e não recluso nas sinagogas, como muitos pastores estão hoje reclusos nos seus gabinetes.

Quanto a Igreja Batista Alemã de São Paulo, é verdade que por muito tempo ela só esteve localizada geograficamente no bairro, sem ministério e compromisso com as pessoas da vizinhança. Mas com o início do ministério de abrir as suas portas a partir de 2006, iniciou-se uma nova fase, e cremos que encarnamos no bairro, pelo menos já somos conhecidos daqueles que trabalham e transitam por aqui.

Nosso próximo sonho é alcançar o público que reside no próprio bairro, e para isso alguns detalhes estão sendo amadurecidos, tais como, oferecer um espaço para ginástica, concertos musicais, cursos, palestras na área da saúde e atividades culturais, ou seja, nosso sonho, além de abrir as portas da igreja, é torná-la um centro de convivência para transformação de vidas e de suas realidades, sendo para elas uma visão positiva e inspiradora, e nós, Igreja Batista Alemã de São Paulo, assumindo de vez a localidade geográfica que Deus nos deu. Sempre com a finalidade última de estar presente junto ao solitário homem urbano, pois conforme demonstramos nesta pesquisa, as pessoas querem mesmo relacionar-se, ninguém consegue viver só, e as grandes cidades contribuem ainda mais para o isolamento, para o anonimato, para o medo, reprimem o anseio natural do homem em busca do outro, para amar e ser amado, para compreender e ser compreendido.

Essa foi a idéia, o projeto que "saiu da gaveta" da Igreja Batista Alemã de São Paulo para em dois anos tornar-se uma realidade, ou seja, ministrar ao homem urbano. Assim como está no nosso folheto, "Se quiser conversar, temos tempo para você"²⁵.

²⁵Conforme Anexo 2

ANEXO 2

Carta de Apresentação

Ref. Portas abertas

Prezados Senhores:

A Igreja Batista Alemã de São Paulo, situada neste bairro, comunica que a partir de agora manterá as portas do seu templo abertas ao público de segunda a sexta das 11:30 às 14:00 horas.

Assim, quem desejar entrar e usufruir de alguns instantes de tranquilidade e meditação será bem-vindo a um ambiente sossegado, enriquecido com música suave. Além disso, estaremos à disposição para quem desejar conversar, bem como haverá literatura cristã à mão.

Esta oferta é gratuita e não implica nenhum compromisso para ninguém. Decidimos pela iniciativa por observar que, com a multiplicação de escritórios, hotéis, consultórios e hospitais nesta região, hoje um significativo número de pessoas transita pelo bairro em seu horário de almoço – um momento em que uma oportunidade de aliviar a mente e “recarregar as baterias” certamente seria bem-vinda para muitos.

Desde já, agradecemos a atenção que lhe dispensarem.

Cordialmente,

(A Igreja Batista Alemã foi fundada há 80 anos por imigrantes alemães. Funcionando há quase 50 anos no endereço da Rua Maestro Cardim 408, a igreja está hoje plenamente inserida em nosso ambiente, apesar de ainda manter vínculos com a cultura germânica e realizar algumas atividades em língua alemã.)

ANEXO 3

Referências bibliográficas

- AURÉLIO, Ferreira Holanda Buarque, *Mini-dicionário da língua portuguesa*. 15ª impressão, 1977, Nova Fronteira.
- BARRO, Carlos Antonio, KOHL, Waldemar Manfred, (organizadores), *Missão integral transformador*. Londrina/PR: Descoberta, 2006 .
- BARRO, Henrique Jorge, Prof. Dr. – Apontamentos da Conferência Teologia, em 09 a 11 de abril 2007 na FTBSP – Missiologia Urbana: Perspectivas e Desafios.
- BARRO, Henrique Jorge, Prof. Dr. – *De cidade em cidade – Elementos para uma teologia bíblica de missão urbana em Lucas e Atos*. 2ª edição, Londrina/PR: Descoberta, 2006
- BARRO, Henrique Jorge, Prof. Dr. – *O pastor urbano*, organizador. Londrina/PR: Descoberta, 2003
- CASIMIRO, Dias Arival Ver. Editor responsável - Revista Educação Cristã, volume XI, SOCEP, Imprensa da Fé, São Paulo.
- CIVITA, Victor – Editor, Livro da Vida, Copyright Mundial, Abril Cultural, 1971
- E.,Anthony Allen – *Saúde integral a partir da igreja local*. Londrina/PR: Descoberta, 1998
- HERNANDEZ, José Carlos – *O lugar do sagrado na terapia*. Nascente Editora Ltda, 1986
- KIVITZ, René Ed Pr. – Apontamentos do Seminário: Theologando em São Paulo, 25.10.2007 - Oficina: Missões Urbanas
- KIVITZ, René Ed Pr. – *Outra espiritualidade; cap.10, Missão Integral – Uma síntese*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006
- KIVITZ, René Ed Pr. – *Vivendo com propósitos*,. São Paulo – Mundo Cristão, 2003
- LINTHICUM, C. Robert – *Cidade de Deus, cidade de Satanás*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1991.
- LIPOVETSKY, Gilles, com SEBASTIAN, Charles – *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004
- LISBOA, Heringer Ageu, organizador – *Saúde pastoral e comunitária*. São Paulo, CPPC, 1985.

- MECKS, A. Wayne – *Os primeiros cristãos urbanos: O mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992
- MOLTMAN, Jürgen – *O Espírito da vida, Uma pneumatologia integral* – Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.
- OCHSENHOFER, Wilfrid, aluno – Ante-Projeto: Portas Abertas, Ministério Social e Aconselhamento, trabalho escrito para a disciplina Estágio Supervisionado I da FTBSP, Profa. Renilda Oliveira de Almeida, 2º semestre 2006.
- PADILLA, René C. – Apontamentos do Seminário Missão Integral em 06 de maio de 2007, na FTBSP.
- PADILLA, René C. – *Missão Integral, Ensaio sobre o Reino e a Igreja*. Curitiba: Descoberta, reedição maio 2005.
- PEREIRA, Nascimento Maria José – *Didática do aconselhamento bíblico*. Coleção Oficina Bíblica, 1998
- Relato de caso da Bloomsbury Central Baptist Church, London, 2006
- STEUERNAGEL, Raul Valdir – *Um compêndio sobre a missão integral da Igreja*. Missão, 1992
- Manual de Orientação para Trabalho de Conclusão de Curso – TCC da FTBSP.
- Bíblia NVI

INTERNET

- CAPAVERDE, Santos de Souza Vanísia – *Modos de ser e de viver: A sociabilidade urbana*. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/artigo/modos-de-ser-e>
Acesso em 27/02/2008
- GABRIEL, Pe. Geraldo, Professor de Filosofia, Sociologia e Ética. Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br/padregabriel/tese/perfil.htm>. Acesso em 25/02/2008
- LIMA, Elinaldo Renovato, *Missões Urbanas*. Disponível em: <http://ejesus.com.br/>
Acesso em 27/02/2008
- Definir – Dicionário da Língua Portuguesa on-line, disponível em: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx. Acesso em 27/02/2008

Cidade – Wikipédia. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Urbano>. Acesso em 29/02/2008

São Paulo, 450 anos. Disponível em:

http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/3-3_direito_cidade.asp

Acesso em 29/02/2008

O homem urbano. Disponível em:

<http://agreste.blogspot.com/2006/11/o-homem-urbano.html>. Acesso em 05/03/2008

Associação Odontológica do Norte do Paraná. Disponível em:

<http://www.aonp.org.br/fso/revista5/rev520.htm>. Acesso em 05/03/2008

T. S. Elliot, *Cocktail Party*. Disponível em:

http://www.diariopopular.com.br/24_05_02/artigo.html. Acesso em 07/03/2008